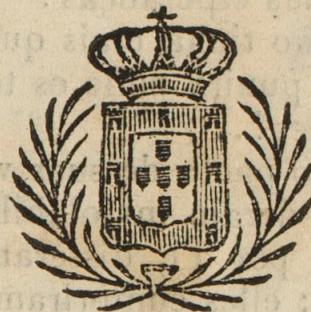


ÉCO DA VOZ PORTUGUEZA
POR TERRAS
DE SANTA CRUZ.



15 DE

JULHO.

Portugal!...

Miseranda patria minha!...

A que horrivel abysmo te arroja ingrata a filha de teu Rei!...

A filha do teu libertador!...

Aquella por quem espargiste o sangue de tuas veias com tanta generosidade!...

Em que abysmo tão profundo foste precipitada, patria minha miseranda!...

Nova Polonia, vendida a tres nações, que te veneraram já, que já provaram tua força e tua coragem!...

Portugal!...

Estrangulado entre as garras do Leopardo.... dilacerado pelos dentes do Leão.... e por escarneo picado com os esporões do gallo, que sobre o teu cadaver canta os hymnos mortuarios que a finada Polonia ouvira quando posta em almoeda era vendida a quem mais dava!...

Portugal!...

De tanta gloria passada, de tanta capacidade e inexgutaveis recursos que ainda tens, de tanto patriotismo, dedicação, grandeza de alma, que ficará!

Nem mesmo um nome que tenha alguma significação.
E aos vindouros nada quererá dizer esta palavra, n'outras eras tão significativa — Portugal. —

CANTO II

Rainha dos Portuguezes!...
Rainha pelos Portuguezes!...
Que Has feito dessa herança de virtudes que Teu Pai Comprou com a vida para Ti?
Que Has feito da felicidade de Teu Povo a Ti confiada?
Que lhes Déste pelas suas esperanças?
Esse malfadado Povo não tinha mais que a Deos e a Ti.
Tu lhe Faltas: e Deos punirá nelle os teus peccados.
Rainha pelos Portuguezes!...
Juraram elles Comtigo o pacto de suas venturas: e a Ti, pelo que de Ti deviam esperar, Te deram inviolabilidade: e ainda, blasfemos em suas palavras de amor por Ti, disseram que Eras — Sagrada. —
Elles obedeceram tanto; elles cumpriram tanto, e de mais, as condições desse pacto firmado a sangue de suas honrosas feridas de batalha, que a fome, sómente a fome lhes poude arrancar um brado suplicante, e afflito... e não muito alto dado... não muito pungente... para não magoar Teu coração... porque Te julgavam sua Mãe!...
A fome, sómente a fome lhes inspirou uma queixa humilde.
E Tu, Rainha pelos Portuguezes!...
Tu Atiraste ao Povo, que tinha fome, uma pedra com que os dentes lhe Quebraste, que elle esfaimado entre-abrirá, julgando que lhe Atiravas algum pedaço de pão, que sobejava de tua lauta mesa, que elle pagá!
Rainha pelos Portuguezes!...
Como foi que Tu Cumpriste o pacto Assignado por Ti, com lagrimas de saudade a teu Pai votadas, e por teu Povo com sangue derramado para Ti?...
Qual era a condição de Tua inviolabilidade? Cumpriste-a Tu?
Não És Tu mesma a confessar que Transgrediste a lei pela qual Foste feita Rainha?
Tu mesma não Prometteste a esse Povo esfaimado Derogar leis que Fizeste contrarias á lei que Te fez de misera proscripta uma Rainha?
Tu mesma, Submettendo-Te a condições aviltantes não Te Degradaste já de Tua alta dignidade?
Tu mesma não És que Derrubaste essa muralha de corações devotos, que Te amavam, que palpitavam por Ti, e inviolavel Te faziam e Te guardavam?
Tu mesma não Foste que Deixaste cair o Teu sceptro de ferro s

bre essas cabeças, que Te veneravam segrada; e quasi que Te adoravam divina?

E ás boccas esfaimadas Atiras Tu uma dura pedra!...

E sobre as linguas sequiosas Gottejas Tu, risonha de escarneo, o fel amargo de Tuas ingratidões!...

E nas faces de fome pallidas, que enrubeceram pelo Teu desamor, Tu Mandaste dar por Estrangeiros muita bofetada!...

Faculdade de Filosofia

III

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Em silencio temos por cá pranteado os males de nossa patria: temos devorado as lagrimas: e sem nenhum murmurio elevado temos a Deos o nosso pensamento: e sobre seus altares temos por holocausto offerecido as magoas de nosso coração, por supplicar-lhe que affaste de nossa Patria o seu rigor, tão justo, mas tão pungente.

Com resignação christã soffrido temos em nossos irmãos todo esse rigor da justiça divina por mãos dos homens, irmãos nossos, inflingido:

Com Fé de Portuguezes temos esperado que a misericordia divina transforme os nossos males em venturas.

É com dor, mais que acerba, que bem vemos não se applicar a justa ira do Senhor!

Tarde, bem tarde expiaremos as nossas culpas!

Tarde, bem tarde alcançaremos graça!

Porque a maldição de um Deos pezā sobre o lusitano povo, como sobre o povo escolhido!

Porque um perjurio, um sacrilegio tanto excitaram a colera celeste, que muito longa e tormentosa terá de ser a expiação!

Porém diz-nos a consciencia, animada pela Fé robusta de nossos Pais, que muito e muito haverá de soffrer este povo escolhido; mas soffrer não deverá ignominia, aviltamento; porque elle é grande em sua pequenez, que encerra um passado glorioso, um futuro providencial para a felicidade, para a regeneração da caduca Europa!

A nossa voz rompe o silencio dos irmãos nossos, magoados, que choram pela Patria, e se envergonham de que os vejam chorar em terra alheia; e abafam seus gemidos para não parecerem ingratos, elles, que aqui não soffrem, na terra mais hospitaleira e venturosa!

Egoista, que por viveres abrigado de tantas miserias não te importa a fome e a guerra, que vão matando os teus irmãos n'outro hemispherio.

Devasso, que porque sobre a tua face não foi dada a bofetada, tua

2
K19

face fica pallida, impassiva, indiferente á affronta que lá soffreram,
a duas mil legoas, os teus compatriotas.

Nenhum de vós se atreva a ler este papel.

IV

Rainha pelos Portuguezes!

O desamor de Teus subditos ao usurpador, Teu Tio, entorpeceu-
lhes os braços por tal fórmā que deixaram entrar uma Esquadra Fran-
ceza pelo Tejo.

E o pavilhão francez, o pavilhão tricolor, essa bandeira do Povo,
essa bandeira que a desgraçada Polonia julgava a cada instante espe-
rançosa vér tremular ao longe em socorro de seu ultimo baluarte;
esse pavilhão mentiroso tremulou por algumas horas n'algumas fortale-
zas de Portugal.

Mas assim foi ainda, porque os Portuguezes, opprimidos, esperava-
vam protecção nesses estrangeiros para sacudir o jugo de um tyranno,
sem derramar tanto sangue, quanto é o que a Tua Corôa lhes tem
custado.

Illudidos foram nas suas esperanças; e nunca lhes hade passar a
magoa de não terem corrido todos, á voz de quem quer que fosse,
para o combate, para morrer abraçados á cruz de sua bandeira!

Triste necessidade, lhes nutrindo uma esperança, os fez covardes:
fatal desengano lhes ha de enrubecer de vergonha sempre as faces
maceradas!...

E com que necessidade agora Tu Consentes que o pavilhão da so-
berbissima Inglaterra se arvore em terra de Portuguezes?

E em que logar, em que torre elle se arvora, para conservar preso
um troço de Portuguezes, surpreendidos sem nenhuma declaração de
guerra?

Conheces aquella torre?

A torre de S. Julião!...

Naquella torre, cadafalso de Gomes Freire!...

Naquella torre, cujos alicerces estão ensopados de sangue portuguez,
derramadogota a gota para Ti, por mais de cinco annos....

Alli... alli se arvora a bandeira de Inglaterra, que tem pri ionei-
ros os Teus subditos.... e a Ti mesma.... a Ti mesma, qual outra
Pomare!...

Que vergonha!...

Rainha! Rainha!

Sabes Tu que muito sangue espargido nos cadafalsos levou sobre ondas rubras que formava a Tua pesada corôa atravez do Oceano para sobre um rochedo inexpugnave?

Sabes que essas ondas de sangue aumentaram lá com o furor dos combates? e Sabes que refluindo até ás praias do Mindello trouxeram para Ti essa Coroa que Deixas vacilar?

E Sabes Tu que para que ella fosse elevada até á altura de Tua cabeça foi necessario que a levasse aos hombros Teu Pai moribundo, que ajudado por seus amigos subio com muito custo e muita dor uma pyramide alta de cadaveres, em cuja face reclinada Tu Dormias o somno da innocencia? . . .

E Sabes Tu que apenas chegado ao apice dessa pyramide, Teu Pai, dando sua alma a Deos, dando seu coração aos seus Portuguezes, e collocando, já nos ultimos suspiros, sobre a Tua cabeça essa Coroa de tanto preço, cahio morto, Elle, entre os soldados rastos ?!

VI

Rainha! Rainha!

Esse Soldados e am Portuguezes!

Esses cadáveres eram de Portugueses!

Esse tanto sangue, derramado por Ti, era sangue Portuguez!

Rainha! Rainha!

O Throno em que Te Assentas é feito de ossos Portuguezes

O Teu manto de Rainha é vermelho por ser tincto com sangue
Portuguez. . . .

A Corôa que Tens na cabeca é a cavaeira de Teu Pai!

O sceptro,

Sómente o sceptro é Teu... fabricado por Ti... de ferro... muito pesado para Teu pulso débil...

VII

Rainha pelos Portuguezes!

Tu não Quizeste ficar inviolável

Não hade ser unicamente o ranjer dos ossos que formam o Teu solo, o que Te avisará de que mal sentada Estás, quando não Fazes justiça inteira.

Não será unicamente a cor vermelha de tua purpura que hade manchar-Tè a mão, quando a Affastares de sobre a cabeça daquelle que vêm pedir-Te abrigo.

Não hade unicamente ser a caveira de Teu Pai, que apertando-Te as fontes quando Te Esqueceres do que a Portugal Deves, Te poderá fazer insupportavel o peso dessa Corôa, não sustentada por mão de amigo, mas encravada na Tua cabeça pelas patas do Leopardo e do Leão, e pelos esporões do gallo.

E, como antes que S. Pedro negasse o Divino Mestre, o Gallo cantará tres vezes. —

Rainha de Portugal, porque Te Degradaste abrindo Tu mesma as portas do Teu Reino para ser invadido?

Rainha dos Portuguezes, porque os não Governaste conforme os seus recursos e as suas necessidades, para que a fome os não matasse, e a paz lhes dêsse prosperidade?

Rainha pelos Portuguezes, porque não Quizeste firmar todo o Teu poder nesse amor dos Portuguezes, que por Ti abriram suas veias e os seus cofres?

Tu não Quizeste ficar inviolavel; mas os Teus subditos são Portuguezes, leaes, e cavalheiros; e Tu para elles ainda És sagrada!

Mata-os, mas não os aviltes.

VIII

Saiam já de nossa terra os Estrangeiros armados! E onde quer que elles tenham arvorado o seu estandarte, erga-se para memoria dessa affronta uma alta cruz, e diga-se:

Aqui jaz Portugal,
que a seus filhos,
não tendo já nome que deixar,
legou

— Vingança —

porém vingança nobre:

a de haverem de amarem-se para engrandecer-se,
para se regenerar.

IX

Rainha !

Manda o Teu sceptro de ferro para os Teus arsenaes.

Ve-lo-Has transformado em espadas, ancoras, pelouros, e arados.

E os pulsos dos Teus Portuguezes, ainda magoados das algemas
que lhes Lançaste, Verás como ganham vigor para defender-Te, e
para humildes servir-Te.

Humildes por amor !

Para leval-os ao combate, e depois do combate a seu trabalho,
Toma Tu uma leve canna, como Teus Avós fizeram, e Vae, risonha,
nobre e compassiva, ante ellés, que são Teus filhos.

Leval-os-Has onde Quizeres ; porque, apesar do que Has feito, el-
les Te amam.

Leaes cavalheiros, só querem que não Te Esqueças de que És sua
Mãi, e de que nem mesmo entre as feras ha Mãi para consentir que
seus filhos sejam offendidos por estrangeiros.

Tu Crês que não És sua Mãi, elles se consideram Teus filhos, e
hão de amar-Te, em quanto Fores, ao menos madrasta sua e não Es-
trangeira, Tu, que És filha de D. Pedro.

Se Queres ser cruel embora o Sejas.

Teus subditos são cavalheiros leaes, que nunca tingiram suas mãos
no sangue dos seus Reis, no cadafalso, como fizeram já aquelles a
que recorres, aquelles cuja bandeira se arvora a Teu reclamo, em ter-
ras de Portugal !

Rainha pelos Portuguezes !

Teus subditos sofrerão tudo, tudo por Ti ; menos a infamia de uma
bofetada por mão de Regicidas.

Rainha pelo amor e pelas armas de Portugal !

Preferes ser tyranna ?

Matta os Portuguezes Tu mesma : não os Aviltes.

Faculdade de Filosofia

X

Ciências e Letras

Biblioteca Central

E disse por derradeiro o procurador d'El-Rei Lourenço Viegas
“ Quereis que o Senhor Rei vá ás Côrtes d'El-Rei de Leão, ou lhe
pague tributo, ou a alguma outra pessoa, afóra o Senhor Papa ; que

o appellidou Rei?» — A esta voz surgiram todos, e com as espadas nuas e alçadas, gritaram: «Livres somos, nosso Rei é livre, só ás nossas mãos devemos a nossa Liberdade: e qualquer Senhor Rei, que em tal consentir, morra por ello; e se ainda não fôr Rei, nunca em nenhum tempo possa vir a reinar sobre nós.» — Aqui El-Rei coroado, se ergueo outra vez, e floreando na direita a espada nua, disse para todos: «Quanto hei lidoado por vossas liberdades, assás o sabeis vós. Por testemunhas vos tomo, e por testemunhas a este meu braço e espada; se alguém em tal consentir, morra por ello; e a ser filho ou neto meu, não reine.»

— Todos disseram: boa palavra, morrerão: «Rei, que em alheio domínio consentir, não será de nós soffrido uma só hora no throno.»

— Ao que El-Rei poz remate, com dizer «Assim se faça.»

(A. F. CASTILHO.)



Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

RIO DE JANEIRO

TYP. DE M. A. DA SILVA LIMA

Rua de S. José N.^o 8. — 1847,